



Instituto Superior de Ciências de Educação

ISCED-HUÍLA

Título do Trabalho:

A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO ESPECIALIZADA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA. O CASO DO COLÉGIO Nº 90 E DO COMPLEXO ESCOLAR Nº 12 – MISSÃO CATÓLICA, DO MUNICÍPIO DO LUBANGO, PROVÍNCIA DA HUÍLA.

Autor: Abílio Tchissokokwa Sapenha

LUBANGO

(2020)



Instituto Superior de Ciências de Educação

ISCED-HUÍLA

Título do Trabalho:

A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO ESPECIALIZADA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA. O CASO DO COLÉGIO Nº 90 E DO COMPLEXO ESCOLAR Nº 12 – MISSÃO CATÓLICA, DO MUNICÍPIO DO LUBANGO, PROVÍNCIA DA HUÍLA.

Trabalho apresentado para obtenção do Grau de Licenciado no Ensino de Língua Portuguesa.

Autor: Abílio Tchissokokwa Sopenha

Tutor: Licínio Luís Narciso de Moreira

LUBANGO

(2020)

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos: Florença Nimba Madalena Sapenha;
Arlete Marcelina dos Santos Sapenha;
Abílio Tchisokokwa António Sapenha;
Alberto dos Santos Sapenha e ao
Benvindo Chindongo dos Santos Sapenha,
especialmente as duas primeiras, pelo facto
de aquando do início da formação no ISCED
já existirem. Pois, na altura muito jovem, elas
serviram como factor impulsionador para as
minhas batalhas académicas, na ânsia de que
sigam o mesmo diapasão.

AGRADECIMENTOS

Primeiro ao dador da vida, Jeová Deus, Onnipotente, em quem deposito toda a minha fé e confiança, por via da Congregação, onde tudo começou.

Aos meus pais Alberto Sapenha e Maria Luinga Sapenha que não pouparam esforços para a materialização do trabalho.

Ao tutor, Doutor Licínio Moreira que para além da nobre missão de orientar o presente trabalho, também fez sem dúvidas o papel de pai.

A todos os professores da Secção de Linguística/Português.

A todos os meus colegas que partilhámos muitos saberes.

O meu muito obrigado!

RESUMO

O Trabalho intitulado *A Importância da Formação Especializada para o Ensino de Língua Portuguesa. Caso do Colégio nº 90 e do Complexo Escolar nº 12, ambos do município do Lubango – província da Huíla* pretendeu encontrar soluções advindas da problemática, de que qualquer professor está habilitado para ensinar a Língua Portuguesa. Deste modo, alcançámos os seguintes objectivos: Geral; Avaliar a Importância da especialização em Ensino da Língua Portuguesa para os Professores da disciplina. Específicos: (i) Examinar o perfil do especialista em Ensino da Língua Portuguesa; (ii) Avaliar as potencialidades que a especialização em Ensino de Língua Portuguesa confere ao Professor da disciplina que o diferenciara do não especialista, tendo por base as limitações e as insuficiências; (iii) Evidenciar todas as ferramentas técnicas e metodológicas da especialização em Ensino de Língua Portuguesa que farão do especialista competente para leccionar a disciplina.

Para o efeito, levantámos a seguinte questão: Que relevância tem a especialização em Ensino de Língua Portuguesa para ministrar a disciplina de Língua Portuguesa? Por conseguinte, o trabalho tratou de aspectos ligados à importância da formação linguística e também dos conhecimentos que o professor deve ter sobre a Didáctica do Ensino da Língua Portuguesa.

Como metodologia, utilizámos um inquérito dirigido aos professores de Língua Portuguesa, sem especialização, quatro do Complexo Escolar nº 12 e outros quatro do Colégio nº 90 – Missão Católica do Lubango. Concluimos, porém, que os mesmos professores encontram muitas dificuldades em traçar estratégias para leccionar conteúdos da Língua Portuguesa. Isto ocorre pelo facto desses professores não estarem munidos de conhecimentos específicos de linguística e tão pouco de metodologia específica para a leccionação da disciplina em questão.

Palavras – chave: Formação especializada, Ensino da língua de portuguesa

ÍNDICE

0. INTRODUÇÃO.....	9
I- A LÍNGUÍSTICA E A SUA IMPORTÂNCIA.....	12
1.1. O PAPEL DA LINGUÍSTICA PARA O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA	14
2.1. A SITUAÇÃO DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA	27
2.2. PERFIL DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	30
2.3. FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ISCED-HUÍLA.....	33
2.4. IMPORTÂNCIA DA DIDÁCTICA DE LÍNGUA PORTUGUESA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	40
III. CAPÍTULO. LEITURA E TRATAMENTO DOS DADOS.....	45
3.2. ANÁLISE DO INQUÉRITO FEITO AOS PROFESSORES.....	46
4.1. ESTUDO DOS TEXTOS	55
4.2. CONTEÚDOS GRAMATICAIS E RECURSOS ESTILÍSTICOS	57
4.3. EXPLORAÇÃO VOCABULAR.....	58
4.4. SELECÇÃO E USO DOS MEIOS DE ENSINO.....	60
4.5- CONCLUSÃO	61
4.6- RECOMENDAÇÕES.....	62
BIBLIOGRAFIA	63
ANEXO.....	65

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: CURRÍCULO DA ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA .	37
Tabela 2: MOTIVOS DE LECCIONAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	46
Tabela 3: IMPORTÂNCIA PARA O PROFESSOR DA FORMAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	47
Tabela 4: IMPORTÂNCIA PARA O PROFESSOR DA FORMAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	49
Tabela 5: IMPORTÂNCIA PARA O PROFESSOR DA FORMAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	50

ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: NÍVEL ACADÊMICO DOS PROFESSORES	46
GRÁFICO 2: ARGUMENTOS DOS PROFESSORES	51

INTRODUÇÃO

0. INTRODUÇÃO

O presente estudo visou evidenciar a Importância da Formação Especializada em Ensino de Língua Portuguesa para o Professor de Língua Portuguesa. Ao nosso entender o Professor que ensina a disciplina de Língua Portuguesa deve ter a formação especializada para o efeito. Porém, a realidade dos Professores que abordamos é completamente diferente. Ao longo da nossa formação e também fruto da pesquisa que levamos a cabo com o presente trabalho, mostraram-nos que a maior parte dos professores que leccionam a disciplina de Língua Portuguesa não têm formação especializada.

Assim, procuramos abordar o assunto, visto ser do nosso interesse para a obtenção de grau de licenciatura. É-nos comum o provérbio, segundo o qual *homem formado vale por dois*. Por isso, Professor com formação específica em Ensino da Língua Portuguesa contribui mais e melhor para o ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa. Entendemos que as habilidades adquiridas durante a formação especializada em Ensino da Língua Portuguesa farão com que se transmita com qualidade os vários conteúdos atinentes a essa disciplina. Já os Professores não especializados em Ensino de Língua Portuguesa tornam a disciplina pouco atractiva, uma vez que é um facto a deficitária situação do ensino da Língua Portuguesa. Doutro modo, entendemos que a falta de formação em Ensino da Língua Portuguesa é, ao nosso ver, um *calcanhar-de-aquiles* na compreensão de muitos conteúdos da disciplina.

Para a materialização do trabalho, analisamos vários autores que abordaram o assunto em voga, analisamos e expusemos dados obtidos com a aplicação do inquérito aos Professores, justificamos a importância de se ter a formação especializada em Ensino da Língua Portuguesa. Assim, o trabalho, além desta Introdução, conta com mais quatro capítulos, sendo:

A Linguística e a sua Importância encabeça o primeiro capítulo. Foram analisados neste capítulo, de forma genérica, a linguística enquanto árvore mãe, sobre o qual subjazem vários ramos.

No segundo capítulo, abordou-se acerca da Problemática do Ensino da Língua Portuguesa. De salientar que o mesmo capítulo termina com a importância que carrega a Didáctica Especial da Língua Portuguesa para o Professor.

No terceiro capítulo, aludimos sobre a Leitura e Análise dos Dados recolhidos junto dos Professores. Apresentámos a metodologia adequada conforme o Inquérito aplicado.

No quarto capítulo surge as Propostas para o Melhoramento do Ensino da Língua Portuguesa. Ao nível do ensino dos textos, dos conteúdos gramaticais e figuras de estilo, bem como da selecção e uso dos meios de ensino. Finalmente concluímos e recomendamos medidas de correcção resultantes da nossa pesquisa.

Finalmente, o trabalho termina com a lista de obras bibliográficas consultadas durante a redacção do trabalho.

I. A LÍNGUÍSTICA E A SUA IMPORTÂNCIA

I- A LÍNGUÍSTICA E A SUA IMPORTÂNCIA

(Moreira D. F., 2009), a **Linguística** é uma ciência recente, inaugurou-se no início do século XX. Mas muito antes disso a humanidade já demonstrava grande interesse pelas questões da linguagem e da mente humana. A Linguística como conhecimento sistematizado teve que demonstrar suas metodologias e delimitar precisamente seu objecto de estudo, na qual o foco dos estudos da mesma direccionam-se a compreender a língua nos seus mais variados aspectos, como: forma, estrutura, origem, função, etc. Podemos defini-la como o estudo científico que visa descrever ou explicar a linguagem verbal humana. Nesta senda, e, de forma recorrente costuma-se afirmar que o objectivo da Linguística, primordialmente, é compreender a língua nos seus múltiplos aspectos, a partir de enfoques diferentes, dependendo do objectivo perseguido. É importante destacar que o estudo da linguagem é distinto do estudo da gramática tradicional normativa. O mesmo Autor acrescenta que Linguística não tem como objetivo transcrever normas ou ditar regras de correção para uso da linguagem, mas sim, analisar e estudar o que faz parte da língua em si. Essa ciência se interessa e tem como matéria de reflexão os estudos da linguagem concentrados na parte oral, verbal e também na modalidade escrita. No que tange ao seu objecto de estudo, vale ressaltar que ela atem-se preferencialmente ao estudo da língua nos mais variados ângulos, tais como: explicar como a língua é aprendida ou gerada, descrever as línguas naturais específicas e suas particularidades, buscar sua historicidade, avaliar as mudanças que ocorrem na língua ao longo dos tempos, compreender a sociolinguística, a relação entre a língua e o comportamento social.

Vale ressaltar que os sinais que o homem produz quando fala ou escreve são denominados signos. Além de possibilitar uma dimensão simbólica, eles também servem como elemento comunicador e de expressão existencial. Existem outros signos além dos possibilitados pela linguagem verbal, como por exemplo a pintura, a mímica e os sinais de trânsito. Os signos, de modo geral, são objectos de estudo

de uma outra ciência, denominada Semiologia. Já os signos da linguagem verbal especificamente são objetos de estudo da Linguística.

A Linguística como é conhecida hoje teve início com o Curso de Linguística Geral, do suíço Ferdinand de Saussure, considerado pai da Linguística Moderna. Com Saussure a Linguística ganha um objecto específico: a língua. Na década de 1950, Noam Chomsky oferece outras possibilidades teóricas para a Linguística: a gramática gerativa. Para ele a tarefa do linguista é descrever a competência do falante de produzir e compreender todas as frases de sua língua. Importa referenciar que a importância da Linguística consiste no facto de ser uma ciência que busca entender a linguagem e a comunicação humana, e essencialmente facilitar o domínio de técnicas ensino-aprendizagem e uma melhor compreensão da interacção humana, através da língua.

1.1. O PAPEL DA LINGUÍSTICA PARA O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

O curso de Ensino de Língua Portuguesa ministrado pelo Instituto Superior de Ciências da Educação – ISCED Huíla dentro dos parâmetros para o qual foi instituído (formar Professores especializados em Ensino de Língua Portuguesa) procura atingir o objectivo meramente fundamental que é de multiplicar a capacidade humana de comunicação, no tocante a interagir com os demais membros da sociedade. Tendo por base o postulado anteriormente exposto facilmente poderemos perceber que as disciplinas ministradas no Curso interagem entre si, e elas sempre buscam resíduos das demais. E, perceberemos o porquê da presença constante da Linguística e disciplinas a ela afim dentro do curso de Ensino de Língua Portuguesa. Dentre a variedade e a imensidão da importância que ela acarreta, podemos citar a grande contribuição que esta área de conhecimento trás aos profissionais, que de alguma maneira estão directamente ligadas a educação. A Linguística nos possibilita um olhar crítico e transformador, nos ensina a analisar a língua, a fala e a escrita, a partir de uma fonte onde nem sempre o correcto é julgado como necessário (Valtemir & André, 2012). A título de exemplo, citamos Cortesão (2017: 26) quando afirmara que a formação em Ensino de Língua Portuguesa para os Professores que leccionam a mesma disciplina é de extrema importância porquanto potenciará o futuro Professor a dominar as particularidades socioculturais e sociolinguísticas no contexto angolano. Com efeito faremos a abordagem de algumas disciplinas afins a Linguística ministradas no Curso de Ensino de Língua Portuguesa para aferirmos o Papel da Linguística para o Professor de Língua Portuguesa.

- **Introdução aos Estudos Linguísticos**

Cadeira Anual ministrada logo no I Ano, no intuito de orientar o estudante sobre a importância e a necessidade do estudo da Linguística, já que o homem enquanto ser social usufrui da língua para estabelecer uma ligação mútua e permanente. Estudando esta disciplina, o futuro Professor adquire habilidades e competências para fazer um estudo analítico da língua no seu

contexto e não só, pois, por via dela conhecerá os mais variados fenómenos linguísticos, adquirirá os princípios e conceitos teórico-metodológicos e terminológicos fundamentais da Linguística Geral, aplicados ao ensino da Língua Portuguesa.

- **Sociolinguística**

Cadeira Semestral ministrada no III Ano, ocupando a potenciar o futuro Professor de Língua Portuguesa sobre a relação existente entre a língua e a sociedade. Estudando-a o futuro Professor conhecerá os aspectos que definem a linguagem humana no contexto social, saberá caracterizar as áreas e as comunidades linguísticas ou dialectos para daí definir o melhor e o mais apropriado contexto de ensino, poderá identificar os factores sociais e estruturas que condicionam o uso das modalidades de expressão linguística, conseguirá analisar os aspectos da incorporação de estrangeirismo no Português actual, poderá identificar as causas das dificuldades na aprendizagem da norma de ensino (ou recomendado) pelos alunos das classes desfavorecidas e poderá reconhecer e analisar as mudanças em curso no Português em Angola.

- **Psicolinguística**

Igualmente cadeira Semestral leccionada no III Ano, por via da qual o estudante e futuro Professor de Língua Portuguesa aprende a linguagem como processo mental, fornecendo-lhe dados pertinentes sobre conceitos, teorias e procedimentos metodológicos para análise e processamento de material adquirido por via linguística, a extensão ontogénica, obterá conhecimentos para analisar actos da fala, de natureza ontogénica em ambientes naturais.

- **Linguística Bantu**

Cadeira Anual leccionada no II Ano cuja missão é ensinar o futuro Professor de Língua Portuguesa a conhecer as características das Línguas Bantu vs Língua Portuguesa. Conhecendo estas particularidades estará capacitado a

lidar com situações ligadas a interferências linguísticas produzidas pelos alunos na aprendizagem da Língua Portuguesa.

De forma inequívoca reconhecemos a importância destas disciplinas afins a Linguística, sobretudo para o nosso contexto em que convivem diferentes línguas, e em que as turmas são bastante heterogéneas quer do ponto de vista linguístico quer socioeconómico.

É imprescindível que o profissional em Ensino de Língua Portuguesa tenha sempre em mente a importância da Linguística, dentro dos estudos da Língua Portuguesa, uma vez que além de contribuir para a formação do carácter profissional, esta possibilita a interação de diversas dimensões, elemento importante para o exercício da profissão e para uma relação interdisciplinar produtiva com outras áreas.

Portanto, é de fundamental importância promover a compreensão da linguagem nas actividades humanas a partir de uma perspectiva que ultrapassa a noção de língua como gramática normativa e que permita situar esta como um fenómeno da cultura social, marcada por valores de uso e também como variável.

O Professor de Língua Portuguesa é um profissional da língua, por isso necessita conhecer a estrutura e o funcionamento da língua. Assim, necessita de ter conhecimento sobre os conteúdos teórico-linguístico, que o ajudarão a ter a capacidade de trabalhar mais facilmente na valorização do código oral como mediação necessária para a aquisição da escrita.

Observe-se que nenhuma língua consegue manter-se rigorosamente a mesma, numa grande extensão territorial, ela evolui com o tempo, e vai adquirindo peculiaridades próprias em função do seu uso por comunidades específicas. Sendo assim todas as variedades, do ponto estrutural linguístico são perfeitas e completas em si. Há uma gama de variações na língua, exemplo: pessoas de classe alta não falam como as de classe baixa, os dialetos rurais diferenciam-se dos dialetos em áreas urbanas. Essas considerações apresentadas despertam a importância dos conteúdos linguísticos na formação do Professor em Ensino de Língua Portuguesa, para que este não adopte critérios como o que é “certo” e o “errado”, para os mais

variados e diferentes dialectos apresentados por seus alunos. Segundo (Klein, 2009), o “certo’ e o ‘errado’ são conceitos pouco honestos que a sociedade usa para marca os indivíduos e classes sociais pelo modo de falar (...). Essa atitude da sociedade revela seus preconceitos, pois marca as diferenças linguísticas, com marcas de prestígios e estigma.”

A especialização em Ensino de Língua Portuguesa em seu processo de aprendizagens de línguas, tem por finalidade munir o futuro Professor de Língua Portuguesa com mais um instrumento de comunicação verbal, a escrita. Parece-nos improcedente que um professor de Língua Portuguesa não ter conhecimentos das variações linguísticas. Neste caso, como pode-se ensinar uma língua sem conhecer sua estrutura e o seu funcionamento, bem como os mecanismos que permitem sua aquisição. É importante considerar que em Especialização em Ensino de Língua de Portuguesa estuando a linguística nas suas variadas dimensões terá mais facilidade para aperfeiçoar o seu trabalho.

A língua como todos os produtos culturais humanos constitui um sistema. Em se tratando de especialização para o Ensino de Língua Portuguesa é fundamental que o professor em especialização estude a linguística, pois saberá os diversos tipos de estruturação e conhecerá como eles se inter-relacionam nível fonético-fonológico, nível semiológico (sintático-semântico) e nível comunicativo (textual) (Machado, 2012).

O mesmo Autor afirma que há uma distinção a ser feita entre os tipos de estruturação e sua inter-relação. Vejamos *fonético-fonológico*: a fonética é o estudo do som da fala, que procura analisar e descrever a fala das pessoas e como ela ocorre-nos mais variadas situações da vida. Já a fonologia preocupa-se com os sons da língua, os que têm a capacidade de alterar significado de uma sequência sonora.

O nível sintático-semântico caracteriza-se de uma unidade de expressão associar-se a uma unidade de conteúdo, ou seja nessa estrutura analisam os processos de denotação, conotação, e de sinonímia, e de antonímia. Os aspectos sintáticos mais importantes são os que explicam o uso da construção da frase, constituindo em uma estrutura frasal, que relaciona com a estrutura verbal, e esta relaciona com os

tipos de dependência que os elementos mantêm entre si e com o todo, e por fim os que se relacionam com os processos de estruturação.

No nível textual, analisam-se os constituintes da mensagem, sua articulação, seus significados, ou seja em tudo que a linguística pode utilizar em termos de som, significado para analisar um texto.

Quando o professor conhece essas estruturas e sabe aplica-las na sua actividade, ele tem melhores condições de ver as dificuldades de seus alunos. É importante também que o docente leve em conta as variações dialetais que seus alunos apresentam como: históricas, geográficas, sociais, estilísticas, precisando assim conhecer diferentes variedades linguísticas de uma classe, onde estes com certeza são procedentes de regiões diversas. Com os conhecimentos destas variações, o professor resultara que o certo e o errado têm somente em relação a sua estrutura. Com relação ao seu uso pelas comunidades não existe o “certo” e o “errado”, linguisticamente, mas apenas o diferente. (Machado, 2012).

Segundo Moreira, Angola é um país com uma grande diversidade linguística. Do ponto de vista linguístico, Angola (...) constitui uma das maiores e mais ricas colónias portuguesa. Ainda o autor observa que das línguas faladas na Huíla apenas o português é a língua oficial e de escolaridade (Moreira L. L., 2015).

Realmente há uma grande supremacia do português sobre as línguas de Angola. Neves, citando Miguel diz que

Línguas africanas de Angola, até aqui designadas “línguas nacionais” quase nunca ultrapassam o âmbito regional. Devemos ter a coragem de assumir que a Língua Portuguesa, adoptada desde a nossa Independência como língua oficial do país e que já é hoje língua materna de mais de um terço dos cidadãos angolanos, se afirma tendencialmente como uma língua de dimensão nacional em Angola (Neves, 2015)

Deve-se também realçar o facto de o português estar a conviver com as línguas tidas como nativas.

É neste contexto de grande diversidade linguística que o professor de Língua Portuguesa tem que ter o domínio da Linguística.

O professor que ensina a Língua Portuguesa é necessário que tenha formação em Linguística/Português saberá lidar com a fala dos seus alunos.

O curso de Linguística/Português oferece uma gama variável de cadeiras que formam o professor em como encarar as variações linguísticas dos seus alunos.

(Marcuschi, 2003) destaca em seu levantamento, que o uso correcto e acertivo da linguística, na formação de Professores de Língua Portuguesa não se confina a ideia corrente de que sempre houve um desencontro entre teoria científica e a prática de ensino da língua na escola. Para esse autor, *“a questão da relação entre teoria linguística e o ensino de língua portuguesa situa-se mais na política de adopção de teorias do que no simples estranhamento mútuo”*.

No contexto multifacetado e interdisciplinar em que situamos hoje a Linguística, vale destacar ainda que a motivação pedagógica tem um papel fundante na constituição de seu campo.

É neste sentido que (Alteman, 1998), estudando o desenvolvimento da área, destaca que “a Linguística no Brasil (a título de exemplo) foi chamada desde cedo a formular propostas para o enfrentamento de problemas linguístico-pedagógicos no ensino-aprendizagem de segunda língua, e essa foi uma das portas de entrada para as ideias linguísticas em solo brasileiro”.

Esse aspecto pedagógico interessa-nos em especial, pois a ocupação da Linguística com a escolarização do português é, na história de constituição do campo da Linguística no Brasil, bastante tematizada e tem lugar próprio no território da Linguística Aplicada (cf. BERTOLDO, 2003 e SCHERER, 2003, dentre outros).

Trazendo a abordagem para a realidade angolana, podemos aferir dessas teorias e concluir com análises que interessam os fundamentos apontados como evidências de entradas da Linguística nos *textos do saber* dirigidos ao ensino de língua portuguesa, da qual era conveniente que se possuía as seguintes competências:

- A concepção sócio-interacionista ou sócio-histórica de linguagem inspirando as atividades de ensino;

- A noção de texto como um produto do trabalho interativo com vínculos às suas condições discursivas de produção;
- A noção de variedade linguística como própria de qualquer língua, deslocando a noção de certo/errado e definindo-se pelo chamado ensino da língua padrão;
- A organização das práticas de sala de aula em torno da leitura, da produção de textos e da análise linguística;

Para maior aludirmos a Importância da Linguística para o ensino da Língua Portuguesa, recorreremos ao quadro representativo dos macro-conceitos da Linguística na acepção de (Marcuschi, 2003) que têm sido produtivo no ensino da Língua Portuguesa. São representativos, na medida em que o tratamento do português com base na Linguística, esse quadro apresenta, também, os desdobramentos relevantes dos conceitos e a descrição dos fenômenos específicos em que eles podem ser evidenciados, a saber:

MACRO-CONCEITOS RELEVANTES NO ENSINO

DESMEMBRAMENTOS ESPECÍFICOS CONCEITOS	ASPECTOS CENTRAIS	FENÔMENOS ESPECÍFICOS
LÍNGUA	SISTEMA SOCIEDADE COGNIÇÃO	- Prescrição situada, léxico - Padrão, norma, usos - Polissemia, funcionalidade - Interação, negociação, - Historicidade, práticas sociais - Discurso, práticas discursivas - Indeterminação, opacidade - Representações, conceitos, modos - Metáforas, sentidos, conhecimentos
TEXTO	PRODUÇÃO COMPREENSÃO	- Unidade discursiva, coesão, coerência,

		<ul style="list-style-type: none"> - Intertextualidade, Situacionalidade - Referência, tópico, discurso, contexto - Inferência, interpretação, cognição - Interactividade, conhecimentos mútuos
VARIAÇÃO	<p>SOCIOLINGÜÍSTICA</p> <p>DIALETOLOGIA</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Variante, variedade, norma, padrão - Variação lexical, gramatical - Variação de estilo, pragmática - Variação social, dialetal - Variação de registros - Dialeto, socioleto, idioleto - Preconceito, gíria - Funcionalidade
GÊNERO TEXTUAL	<p>TIPOS GÊNEROS</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Narração, argumentação, descrição, - Exposição, injunção - Estabilidade relativa, estilo, conteúdo - Composição, função, situacionalidade - Funcionalidade, propósitos, diversidade - Comunidades discursivas
ORALIDADE/ ESCRITA	<p>ORALIDADE ESCRITA</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Modalidades, estratégias, gêneros - Características e relações mútuas

		- Marcas, entoação, gestualidade etc.
--	--	---------------------------------------

Esse quadro testemunha o patrimônio da Linguística e o estado actual da compreensão da relação entre os conceitos teóricos e os fenômenos de linguagem em que eles podem ser evidenciados. Ele foi construído pelo pesquisador numa retrospectiva panorâmica, a partir de material empírico e servirá como ponto de apoio para o tratamento das coleções de nosso *corpus*. Na coluna da esquerda, estão perfilados os conceitos que, segundo o autor, serviriam de expoentes na definição dos contornos do corpo teórico da área de estudos da linguagem e da prática de ensino de uma língua, a saber: 'língua', 'texto', 'variação', 'gênero textual' e 'oralidade/ escrita' – essas serão as categorias principais que nos auxiliarão no trabalho de localização de uma filiação teórica em nosso *corpus*. Seus desdobramentos na coluna seguinte atualizam os aspectos centrais do patrimônio acumulado da área, por exemplo: a enunciação de 'língua' com relação ao 'sistema', 'sociedade' e 'cognição' balizaria um posicionamento teórico dado, evidenciado empiricamente nos fenômenos elencados na terceira coluna (um posicionamento teórico diferente possivelmente redesenharia alguns (ou todos) elementos constitutivos da segunda e da terceira coluna dessa tabela).

Diante desse cenário, podemos concluir que: se, por um lado, a institucionalização das ideias linguísticas ainda está sendo contada, por outro, há já marcas claras das trincheiras ocupadas pela Linguística na escolarização do português. As implicações da escolarização de um objeto de cultura, o contexto histórico da institucionalização do campo da Linguística, seus fundamentos teóricos gerais articulados em sua produtividade na escolarização do português constituem os filtros de nossas análises, nosso 'par de óculos', nossa bagagem de referência para a entrada em nosso *corpus*.

II. CAPÍTULO. SITUAÇÃO DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

II. PROBLEMÁTICA DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Neste capítulo aludiremos acerca da problematização do ensino da Língua Portuguesa em Angola, tendo por base a escassez e/ou falta de especialistas para o ensino da mesma. É ponto assente que o ensino da Língua Portuguesa por professores não especializados para o efeito é um facto. Na província da Huíla, em particular no município do Lubango, o ensino da Língua Portuguesa por professores não especializados para o efeito é uma realidade comum a muitas escolas. E, parece-nos que esta realidade é recorrente as demais províncias angolanas.

A disciplina de Língua Portuguesa em Angola é leccionada em todos subsistemas de ensino geral, independentemente do curso a frequentar, do nível de escolaridade, e, em muitos níveis a deficiência (negativa) nela condiciona a transição para a classe ou nível superior. Outrossim, as razões anteriormente evocadas fazem com que exista maior necessidade de professores que leccionem a disciplina de Língua Portuguesa. Porém, se dum lado há necessidade de professores a leccionarem a disciplina, doutro lado há cada vez mais menos especialistas para o efeito. Assim, muitos leccionam-na, mesmo sem formação especializada para o efeito. Apesar de não possuírem formação especializada para ensinarem a Língua Portuguesa, muitos acham-se capazes e competentes de ensinarem a mesma, sustentando-se das seguintes afirmações constatadas:

- A Língua Portuguesa é o nosso dia-a-dia, é a nossa língua veicular, de escolaridade e estudei-a desde o Ensino Primário;
- Escrevo e expressei-me bem em Língua Portuguesa. Como se não bastasse tive sempre boas notas, tenho uma Gramática para auxiliar-me, assim me sinto capaz para leccionar a disciplina;

A título de exemplo, no Colégio nº 90 – Missão Católica do Lubango e no Complexo Escolar nº 12, ambos situados no município do Lubango, província da Huíla constatamos a existência de 8 professores que leccionam a Língua Portuguesa, subdivididos em 4 para cada uma das Escolas. Porém, destes nenhum tem formação especializada para o Ensino de Língua Portuguesa. Parece-nos que para melhor ensino e conseqüente compreensão e aprendizagem da disciplina em causa tenha formação especializada para o efeito.

O desenvolvimento de uma investigação sobre um país como Angola reveste-se de alguns aspectos muito particulares não só pela vastidão geográfica, como, de igual modo, pela diversidade cultural, linguística e histórica de que é portador, onde línguas e culturas de origem africana e europeia se entrecruzam, tentando, em simultâneo, delimitar espaços e mentalidades. Pretendendo encontrar soluções advindas desta problemática, no sentido de propormos caminhos considerados mais adequados em prol de uma sã harmonia. Nesta perspectiva, a abordagem da temática linguística angolana sugere alguma prudência: primeiro, por ser uma área sensível que envolve questões de identidade individual ou colectiva; segundo, por se tratar de uma sociedade de tipo pluralista, onde coabitam povos com línguas e culturas próprias e, conseqüentemente, indivíduos que tentam manter as suas identidades. No seio desta osmose cultural e linguística se vem realizando a língua portuguesa, que, desde a sua introdução no século XV, passando pela proclamação como língua oficial em 1975, até à actualidade, tem vindo a conhecer um processo de expansão territorial, com dinâmicas de contornos algo irreversíveis. Em consequência do processo expansional, observa-se a acentuação do contacto da mesma língua com indivíduos residentes em zonas outrora de “exclusividade” das denominadas línguas nacionais de origem africana, tendo como efeito um aumento galopante do número de falantes maternos e não maternos. Perante as evidências, numa altura em que se perspectiva o futuro da “nação” angolana através de distintas iniciativas políticas, sociais, académicas e outras, envolvendo entidades específicas, problematizar os mitos que ainda pairam sobre o passado e o presente da língua portuguesa, visando perspectivar o seu futuro, não é apenas legítimo e imperioso, como é, igualmente, desafiador. O percurso para a materialização do desafio gira, assim, em torno de quatro questões centrais: nacionalização da língua portuguesa, democratização de ensino (bilinguismo), consciência de assunção e distribuição da frequência do seu uso. Deste modo, antes de partirmos para a análise baseada em métodos quantitativos e qualitativos, propusemos, como ponto de partida, por um lado a problemática das etnicidades angolanas e a relação estabelecida entre língua e sociedade, tendo como pano de fundo o exame do panorama linguístico angolano e as funções da língua portuguesa em Angola respectivamente, e, por outro a trajectória da língua portuguesa em busca da nacionalização. Constatamos, ainda que os resultados

suscitem prudência quanto a generalizações em termos nacionais, a existência de um processo em curso, que pode emergir na nacionalização da língua portuguesa a curto, médio ou longo prazo. Tal constatação deriva do facto de os resultados fornecidos pela empiria revelarem uma clara tendência de assunção da língua portuguesa, a par de uma frequência cada vez mais generalizada do uso desta, assim como de uma consciência de cooperação recíproca entre esta e as suas congéneres de origem africana. Finalmente, propomos para investigações futuras a confirmação da tendência anunciada, com recurso à investigação empírica mais abrangente, de maior representatividade nacional, albergando, em proporcionalidade, não apenas falantes de língua portuguesa em situação de língua materna ou segunda, mas, de igual modo, as duas principais zonas habitacionais da população angolana: zona rural e urbana.

A título enfático, importa referenciar o estatuto de Língua Portuguesa no mosaico linguístico nacional, tendo por base a Constituição da República de Angola (CRA), sito: Angola é um país diverso na sua composição cultural e nas estruturas territoriais. De acordo com a Constituição, Artigo 19º, alusivas as línguas, no primeiro e segundo pontos, constam:

- “1. A língua oficial da República de Angola é o português.
2. O Estado valoriza e promove o estudo, o ensino e utilização das demais línguas de Angola, bem como das principais línguas de comunicação internacional”. (2010, p. 11).

2.1. A SITUAÇÃO DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Raposo, citado por Quinta (Quinta, 2016) advoga que o “governo angolano adoptou a Língua Portuguesa como língua de escolaridade e de outros órgãos do Aparelho de Estado, pois, era o único meio de colmatar as necessidades do povo que, apesar da sua diversidade étnica, cultural e linguística, quis manter a sua unidade nacional”.

Realmente a Língua Portuguesa é o nosso veículo comunicacional e conseqüentemente a língua pela qual é transmitido o ensino em vários campos do saber.

As línguas tidas como nativas são faladas em Angola, mas por regiões. A título de exemplo, uma pessoa nascida na província de Benguela comunica com outra pessoa nascida no Huambo, Bié, na língua Umbundu sem dificuldades. O mesmo não se pode dizer com alguém natural do Cunene ou ainda Cabinda. A única Língua que nos une em termos comunicacionais é o português.

É assim que (Moreira L. L., 2015) destaca que “a Língua Portuguesa, não tendo zonas tradicionais como as outras línguas, é falada em todas as zonas de Angola por ser a língua oficial e de escolaridade. Ela tende a se expandir cada vez mais e a ofuscar as outras línguas”.

Enquanto disciplina curricular não temos dúvida do valor que lhe é atribuído.

Por exemplo, no I Ciclo¹ a Língua Portuguesa condiciona a transição para outra classe. No II Ciclo², na maior parte de Cursos, a Língua Portuguesa é considerada cadeira específica.

No ISCED³-Lubango, a cadeira de Língua Portuguesa é estudada em todos os cursos.

¹ A denominação actual, é: Colégio (7^a, 8^a e 9^a Classes).

² O nome adoptado actualmente é Liceu (10^a, 11^a, 12^a 13^a Classes).

³ Instituto Superior de Ciências da Educação.

Na Faculdade de Direito da Universidade Mandume Ya Ndemufayo⁴, além de ser uma cadeira do Currículo, o exame de acesso privilegia superiormente conteúdos de Língua Portuguesa.

A Língua Portuguesa é realmente uma marca identificadora do povo angolano. É nesta senda que concordamos com (Nzau, 2011), ao referir que “Cada língua é um conjunto de traços de identidade a que qualquer vida humana fica vinculada. A identidade de cada língua é só uma, insubstituível”.

A Língua Portuguesa, no I Ciclo, é leccionada semanalmente duas vezes. O que corresponde a 180 minutos. Segundo o Programa do INIDE⁵ (2012:5) do I Ciclo, fazem parte os seguintes conteúdos nucleares:

- ➡ Texto narrativo
- ➡ Texto descritivo
- ➡ Texto apelativo
- ➡ Texto informativo
- ➡ Texto poético
- ➡ Texto explicativo
- ➡ Texto argumentativo

Os conteúdos gramaticais e estilísticos são estudados articulados aos variados textos. Apesar da importância que lhe é atribuída como “cadeira nuclear”, é muitas vezes banalizada, sendo leccionada por professores sem habilitação.

De entre as competências que o professor do I Ciclo deve possuir destacam-se as seguintes:

- ➡ Possuir conhecimentos científicos fundamentais tanto no âmbito da(s) especialidade(s) que vai ensinar, como no domínio das ciências da educação. (INIDE, 2014)
- ➡ Dominar os conteúdos programáticos, as orientações metodológicas e outros instrumentos relativos à educação e ao ensino nas instituições escolares, bem como a melhor utilização dos manuais escolares. (Idem).

Entendemos que o domínio de conteúdos programáticos de Língua Portuguesa, o sábio manuseamento de meios de ensino e a interpretação de metodologias e sua

⁴ Situada na cidade do Lubango.

⁵ Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação.

implementação, passa por ter conhecimento científico no âmbito da formação em Ensino da Língua Portuguesa.

Sena citado por Eliana e Danilo (2011: 899) alertam que “uma metodologia do ensino de língua não pode ser vista como uma questão puramente mecânica que busque tão apenas estabelecer recursos visando uma melhor apreensão dos tópicos gramaticais, geralmente propostos como conteúdo programático das aulas de Língua Portuguesa”.

A maior parte das dificuldades dos professores que ensinam a Língua Portuguesa sem ter a formação especializada para além de falta de domínio de conteúdos, prende-se sobretudo em como ensinar os conteúdos propostos no programa. Esta questão (como ensinar) leva-nos exactamente as metodologias utilizadas pelos professores nas aulas.

Para Neves citado por Eliana e Danilo (2011: 900) apontam problemas no ensino de Língua Portuguesa relativamente as metodologias: “a forma como a gramática é trabalhada na escola e a separação da prática pedagógica da linguagem em três grandes blocos – redação, leitura e interpretação, gramática”.

Eliana e Danilo (2011: 900) destacam que “devemos atentar para o fato de que o público para quem se “ensina” português é o ponto de partida para quem almeja trabalhar com uma metodologia que corresponda à realidade dos alunos”

2.2. PERFIL DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

(Lari, 1992) defende que “o objectivo fundamental do Professor de Português é o de ampliar a capacidade de comunicação, expressão e integração pela linguagem da população atingida pelo seu trabalho”.

“O professor de português, sobretudo deve ser rigoroso no exercício da tarefa. O ensino eficaz da Língua Portuguesa e a sua aprendizagem constitui o sucesso das outras áreas disciplinares.” (Quinta, 2016).

Varanda, referido por (Quinta, 2016), argumenta que “O professor de Língua Portuguesa deve ensinar as estratégias de compreensão de textos informativos, porque esta competência contribui para o sucesso escolar, pois que essas são matérias de ensino de outras disciplinas.”

É fundamental que os alunos aprendam a perceber o que leem e ouvem. Estas estratégias passam, também pelos resumos que estes devem fazer como, exercício depois da leitura. Neste contexto, a disciplina de Língua Portuguesa é mais do que um instrumento de trabalho na comunidade lusófona, porque ela é um elo de desenvolvimento da comunidade (Quinta, 2016).

Tem sido da praxe a ideia de que um professor que ensina a Língua Portuguesa basta-lhe-á um manual, uma gramática e um dicionário para leccionar bem as aulas.

Este postulado não passa de uma simples presunção. São meios de ensino pertinentes que ajudam o professor a preparar adequadamente as aulas, mas em nada servirão quando não se tem o domínio dos conteúdos.

É assim que (Carrasco, 1988) adverte que o professor de Língua Portuguesa deve:

- ⇒ Ter bom conhecimento linguístico dos traços característicos da Língua Portuguesa;
- ⇒ Fazer uma análise contrastiva das estruturas dos dois sistemas linguísticos e aplicar uma pedagogia preventiva.

- ➡ Ter excelente domínio da Língua portuguesa, quer oral quer escrita (boa pronúncia, leitura clara e expressiva, expressão oral correcta e à-vontade, facilidade de expressão escrita, leitura fácil de textos difíceis);
- ➡ Praticar uma atitude de séria e profunda abertura ao erro do aluno, lembrando que para alguns alunos, o português é língua segunda;
- ➡ Conhecer algumas das características principais das línguas bantus.

O perfil que o professor de Língua Portuguesa deve ter, segundo o autor, fica claro a necessidade de o professor ser formado em Ensino da Língua Portuguesa. Caso contrário o processo de aprendizagem estará longe do mais adequado.

A Língua Portuguesa é realmente uma disciplina transversal.

É assim que (Gaspar, 2015) *et alii* (2012) advertem que as competências mais específicas derivadas da aquisição de conteúdos programáticos advêm, claramente, da transversalidade da Língua Portuguesa que ao não ser ministrada, convenientemente, inflige consequências noutras disciplinas e afecta diversos domínios.

Embora todas as áreas disciplinares sejam chamadas a desempenhar um papel nesse processo sobre a língua, a promoção da aprendizagem da língua é dada especificamente a disciplina de Língua Portuguesa, na educação básica, e na escolaridade secundária. A Língua Portuguesa não é de facto como as outras disciplina «nem pela sua natureza, nem pelos efeitos que do seu domínio advêm». (Leal apud Santos, 2009:3).

(Leal, 2009) particulariza o papel do professor de Língua Portuguesa em relação às outras áreas do saber ao dizer: “Os professores responsáveis pela leccionação da Língua Portuguesa, ainda que partilhem com os demais professores características, conhecimentos, competências e necessidades, assumem especificidades que devem ser tidas em linha de conta na sua formação”.

Ser professor de Língua Portuguesa não é ser um “bombeiro salvador”. O professor deve ser o primeiro agente dinamizador, sobretudo, em contexto sala de aula, a ter conhecimento firme sobre a dinâmica da Língua e suas transformações. Estamos assim alinhados a reflexão de (Jacinto, 2003) quando diz que “o professor tem que

assumir que é capaz de ensinar aquilo que se predispõe. Entrar na sala de aulas, não é embarcar para uma aventura”.

O professor de Língua Portuguesa deve ser o primeiro a encarar o erro cometido pelo aluno como uma grande oportunidade de aproveitamento pedagógico e não dramatizá-lo e sancioná-lo.

Aliamo-nos assim ao pensamento de (Moreira L. L., 2015) que ao citar Teixeira explica que “mais importante que catar erros, a tarefa do professor deve ser o de perceber e explicar o porquê do mesmo erro e que mecanismos linguístico-cognitivos originam que o aluno processe daquele modo a informação. Lembra ainda o autor que o professor de língua deverá ter sempre em consideração a língua como um todo e que o erro nunca é não saber, mas sim saber de forma diferente”.

(Nzau, 2011) afirma que “a formação de professores pode considerar-se uma área de educação que merece uma atenção especial. Um dos grandes problemas ligados ao professor prende-se com o facto de a maioria não possuir perfil adequado para desempenhar as suas funções, ou seja, não apresentar, em muitos casos, formação com agregação pedagógica exigida.

2.3. FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ISCED-HUÍLA

A inserção de professores sem formação no Ensino da Língua Portuguesa não é recente. Aliás lembramo-nos historicamente das restrições que o colonizador colocava no povo angolano quanto a escolarização.

Victor Kajibanga, entrevistado por (Nzau, 2011) refere que:

Sendo a Língua Portuguesa a única língua de acesso, este aspecto terá prejudicado, sobremaneira, a expansão e o domínio da própria Língua Portuguesa em Angola. Depois da independência nacional, também não se observou um grande investimento, nem na promoção da Língua Portuguesa, nem na formação de professores da mesma língua. Uma boa parte de ensinantes da referida língua não tinha formação específica no domínio de ensino do português.

É perceptível na aceção do entrevistado que houve e continua a haver pouca aposta na formação de professores de Língua Portuguesa. É já uma situação longínqua. Antes de 1975, os portugueses nada fizeram para a formação de professores de Língua Portuguesa. É uma situação, por exemplo que contraste com países africanos de expressão francesa

O Estado francês fez algum investimento, não apenas na formação do professores de língua francesa através da concessão de bolsas de estudo, como também na criação de condições físicas para um bom exercício da função docente, por exemplo, a criação o de bibliotecas⁶.

Para Kajibanga, entrevistado por (Nzau, 2011) afirma que “o próprio Estado angolano, depois de declarar oficial a Língua Portuguesa, não deu grandes passos para o desenvolvimento de políticas linguísticas que pudessem levar os angolanos a exprimirem-se correctamente no modo escrito ou oral.

⁶ Nzau, 2011:124. Entrevista ao Professor Victor Kajibanga.

Não será possível motivar o aluno a explorar o domínio da Língua em que estuda, se o professor não conhecer a matéria a fundo, se não souber criar as condições que irão estimular o aluno a pensar e a querer falar e escrever, que irão colocar o aluno em face de um problema que deve querer resolver. Por isso, a fim de melhorar a qualidade do ensino de Língua Portuguesa, é indispensável melhorar a qualidade daquele que facilita este processo: o professor. Há, portanto, que pensar na sua formação prévia e na sua superação constante (Carrasco, 1988).

Como facilitador e mediador do processo de ensino e aprendizagem, é imperioso que o professor tenha formação especializada para motivar seus alunos a gostarem e a porem em prática os conhecimentos relativos a Língua Portuguesa.

Ao professor de Língua Portuguesa cabe: ouvir-falar, ler-escrever, descrever-interpretar de forma clara, objectiva e segura. Como se diz no dito popular, *sem papas na língua nem moleza nos dedos*.

Por ser o principalmente agente encarregue de ensinar a língua e acerca da língua, o professor tem que ser o principal influente para os alunos. Para tal tem de ter características que o distingam dos outros, como, é por exemplo a formação especializada em Ensino da Língua Portuguesa. O professor tem que ter conhecimentos sólidos sobre a área de conhecimento a que é chamada a exercer. É assim que (Leal, 2009) *apud* Faria & Castro, adverte:

O professor de português distingue-se dos seus pares por ser o único que, no processo de ensino-aprendizagem «produz e reproduz os seus próprios meios de produção. Concretamente, produz e reproduz a sua competência de falante, produz e reproduz a sua capacidade de observar, de descrever e de interpretar os fenómenos da língua».

Os meios de ensino, as metodologias e as estratégias são sempre escolhidos pelo professor. Além de ser o facilitar e mediador do processo de aprendizagem da Língua Portuguesa, o professor é também um protagonista. Cabe ao professor de Língua Portuguesa criar todas as condições objectivas para que a Língua Portuguesa não seja o elo mais fraco dos alunos.

Corroboramos assim com (Leal, 2009) *apud* Reis, Adragão & Nogueira, ao defender que:

O professor de Língua Portuguesa cumpre criar condições e situações de ensino-aprendizagem que favoreçam a transformação do conhecimento empírico da língua que o aluno traz consigo, da convivência com a família e demais membros da sua comunidade, em conhecimento reflectido dos mecanismos de funcionamento do sistema, das regras, convenções e normas de uso da língua aplicáveis em diferentes contextos comunicativos. De igual modo, cumpre ao professor de Português «propor ao aluno comportamentos verbais adequados a cada situação, eficientes para atingir os objectivos de cada momento, capazes de servir a relação interpessoal que se deseja».

São vários os motivos que estão na leccionação da Língua Portuguesa por parte de professores sem formação em Língua Portuguesa.

(Nzau, 2011) traz-nos a seguinte constatação de professores que leccionam a Língua Portuguesa: cerca de 21% afirmaram leccionar a Língua Portuguesa por necessidade de garantir uma actividade laboral; 15%, por ser a disciplina disponível; 21%, por gosto; 28% considerava ser por vocação e 15% dizia leccionar Língua Portuguesa por formação.

Numa escala de cem por cento (100%), é verificável na constatação acima que só 15% leccionam a Língua Portuguesa por ter formação.

É uma percentagem ilusória. Não há professores com formação especializada suficientes para ensinarem a Língua Portuguesa. Entendemos que o primeiro passo para se melhorar o ensino da Língua Portuguesa é ter muitos professores com formação especializada em Língua Portuguesa.

(Jacinto, Estudo sobre a situação do ensino do Português no III Nível, 2003) faz a mesma constatação ao referir que “professores sem formação em Língua Portuguesa leccionavam-na por não existirem vagas nas disciplinas que se formaram, e também por serem poucos os professores formados em Língua Portuguesa”.

Com base em experiência pessoal e profissional, e, sem compromisso moral, afirmamos que não houve mudanças significativas que pudessem definir o rumo da situação deficitária do ensino da Língua Portuguesa.

A nível do Ensino Superior a formação é feita nos Institutos Superiores da Educação (ISCED) e nas Escolas Superiores Pedagógicas.

O Magistério Primário e as Escolas de Professores do Futuro (ADPP⁷) formam professores para o Ensino Primário.

Embora haja diferenciação de categorias de professores, no momento da colocação dos candidatos apurados nos concursos públicos promovidos pelo MED⁸, professores com formação superior são colocados também no I Ciclo bem como os técnicos médios.

Este facto faz-nos pensar que haja mais qualidade no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, uma vez que admitimos que ter formação média não equivale a ter formação superior. Se um professor formado em Linguística/Português pelo ISCED, dá aulas de Língua Portuguesa no I Ciclo, convenhamos leccionará melhor os conteúdos tendo em conta o nível de conhecimento adquirido durante a formação.

Lembrar aqui que em concursos públicos, concorrem a professores do II Ciclo todos os candidatos com o 3º Ano concluído ou já licenciados.

No curso de Ensino e Investigação da Língua Portuguesa leccionado no ISCED-Huíla, os conteúdos são mais aprofundados. O futuro professor é preparado principalmente para leccionar no II Ciclo.

Pela pertinência das cadeiras leccionadas, pela profundidade dos conteúdos o futuro professor carrega realmente bagagem suficiente para leccionar os conteúdos com certa proficiência. Concordamos assim com Adriano que advoga: “professores especialistas ou estarem em especialização em Linguística/Português não só têm a Língua Portuguesa como instrumento de comunicação, mas também um instrumento do seu trabalho docente. E é esperável deles uma proficiência linguística sólida”.

Focalizamo-nos agora no Currículo de Ensino e Investigação da Língua Portuguesa do Instituto Superior Ciências da Educação.

⁷ Ajuda de Desenvolvimento de Povo para Povo.

⁸ Ministério da Educação.

É importante expormos o currículo do ISCED-Huíla, pelo menos por duas razões óbvias. A primeira por entendermos que alguns professores que leccionam a disciplina de Língua Portuguesa no I Ciclo têm ou estão em formação no ISCED. A segunda queremos evidenciar o potencial que o curso de Ensino de Língua Portuguesa oferece ao professor ou futuro professor de Língua Portuguesa. Vamos destacar algumas cadeiras que entendemos valiosas na proporção de enriquecimento do professor ou futuro professor.

Assim sendo, passamos em descrição o Plano de Estudo da Formação do Curso de Ensino da Língua Portuguesa no ISCED-Huíla.

Tabela 1: CURRÍCULUM DA ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

1º Ano académico/ Cadeiras	Carga horária anual
Pedagogia geral	45
Didáctica geral	45
Psicologia geral	45
Psicologia do Desenvolvimento	45
Inglês I/Francês I	60
Metodologia de Investigação científica I	90
Informática	120
Introdução aos estudos Literários	120
Introdução aos estudos Linguísticos	120
Técnicas de Epressão e comunicação em Língua Portuguesa	120
2º Ano Académico/ Cadeiras	Carga horária anual
Psicologia Pedagógica	45
Filosofia da Linguagem	45
Estatística Aplicada a Educação	45

Psicolinguística	60
Inglês II/ Francês II	60
Linguística Bantu	90
Literatura Brasileira	90
Literatura Portuguesa	90
Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa	90
Morfologia, Sintaxe e semântica da Língua Portuguesa	90
Didáctica Especial da Língua Portuguesa	120

3º Ano Académico/ Cadeiras	Carga horária anual
Gestão e Inspeção em Educação	45
Teoria e Desenvolvimento Curricular	90
Língua Nacional I	60
Seminário de Especialização I	120
Literatura Angolana	120
Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa	120
Tecnologias Educativas	60
Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa	60
Estilística da Língua Portuguesa	60
Prática Pedagógica I	180
4º Ano Académico/ Cadeiras	Carga horária anual
Seminário de Especialização II	90
Língua Nacional II	60

Teoria da Literatura	60
Metodologia de Investigação Científica II	60
História da Língua Portuguesa	60
Prática Pedagógica II	180
5º Ano Académico/ Cadeiras	Carga horária anual
Trabalho de Licenciatura	180

Fonte: ISCED-Huíla, disponível em: <https://www3.isced-huila.ed.ao/page/ensino-da-lingua-portuguesa>. Acedido em 05.05.2019.

Havendo vista no currículo do ISCED, é notórias as cadeiras que suportam o curso. Na sua maioria é para formar professores para o ensino do Português.

Pode-se afirmar que o estudante que termina o curso de Linguística/Português, está habilitado a leccionar a disciplina de Língua Portuguesa e outras⁹ com competências adequadas.

O ISCED-Huíla têm por objectivo formar professores por especialidade.

O professor que lecciona no I Ciclo, caso tenha formação específica em Ensino da Língua Portuguesa tem no seu currículo de formação cadeiras que poderão fornecer-lhe conhecimento técnico no domínio de Língua Portuguesa e capacidade didáctica suficiente para lidar com situações inerentes as aulas, tal como ilustramos no currículo.

Já aludimos e continuamos a fazê-lo no presente projecto que é proveitoso e mais benéfico para os alunos que o ensino da Língua Portuguesa seja feito com professores formados em Ensino da Língua Portuguesa.

⁹ Queremo-nos referir a disciplina de Literatura que é leccionada nas Escolas de Formação de Professores, (Currículo de Formação de Professores do I Ciclo página 13), e também no curso de Ciências Humanas, Ensino Geral, II Ciclo.

2.4. IMPORTÂNCIA DA DIDÁCTICA DE LÍNGUA PORTUGUESA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

Já sabemos do currículo do ISCED-Huíla, no curso de Linguística/Português.

A questão que colocamos e procuramos responder no presente subcapítulo é a seguinte:

➡ *Que aproveitamento o professor de Língua Portuguesa tira do currículo de Linguística/Português para ensinar a Língua Portuguesa na 8ª Classe?*

Destacaremos neste ponto o contributo que dá a cadeira de Didáctica da Língua Portuguesa para o formando do curso de Linguística/português. Ainda consta do presente subcapítulo as cadeiras de IEL¹⁰ e das TAT¹¹.

A cadeira de Didáctica da Língua Portuguesa leccionada no 2º Ano. É uma cadeira que proporciona ao professor ou futuro diretrizes conducente a um ensino mais participativo e que colocará o próprio aluno a desenvolver capacidades de análise e interpretação dos conteúdos.

Alguns objectivos desta cadeira são:

- ➡ Preparar os futuros professores para o ensino da Língua Portuguesa, proporcionando-lhes uma preparação pedagógica-didáctica adequada às características dos alunos do ensino secundário e do contexto;
- ➡ Desenvolver capacidades técnicas que permitam aumentar de forma motivada a aprendizagem dos alunos;
- ➡ Produzir materiais didácticos adequados às situações de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa. (Vide material de Didáctica de Língua Portuguesa, ISCED-Huíla).

Para além destes objectivos fundamentais, podemos ainda apontar uma das grandes tarefas da cadeira de Didáctica da Língua Portuguesa no 2º ano:

¹⁰ Introdução aos Estudos Literários

¹¹ Técnicas de Análise Textual.

➡ Estudo dos problemas específicos no ensino da Língua Portuguesa, como sejam: a Selecção do conteúdo, as técnicas de ensino que se revelam mais eficazes, as particularidades metodológicas, o contexto, as dificuldades que surgem no ensino de certos assuntos.

A Didáctica pode ser definida como sendo a arte e ciência de fazer aprender.

Nesta perspectiva, podemos considerar que a Didáctica da Língua Portuguesa é uma cadeira que mostra os caminhos mais específicos e mais adequados de como ensinar a Língua Portuguesa.

A Didáctica da Língua Portuguesa fornece ao professor ou futuro professor perícia pedagógica para o uso de saberes científicos de forma ordenada. Que meios de ensino usar para determinado conteúdo, que objectivos a atingir para o conteúdo planificado, como o professor deve organizar trabalhos de grupo, como o professor pode potenciar o capital lexical dos alunos, como o professor deve elaborar as provas. São alguns dos temas que a Didáctica da Língua Portuguesa aborda com profundidade. O professor ou futuro professor ao estudar esta cadeira terá muito mais argumentos para leccionar a Língua Portuguesa.

➡ **Contributos de IEL e das TAT para o professor de Língua Portuguesa da 8ª Classe**

Queremos neste breve ponto olhar para o conteúdo leccionado no curso de Ensino da Língua Portuguesa, ISCED-Huíla que capacita o professor a leccionar conteúdos da 8ª.

Tomamos como primeiro exemplo o estudo do texto poético na 8ª Classe. Esta tipologia textual é estudada, procedendo o texto narrativo e descritivo. É a 3ª unidade. Dentre os conteúdos desta unidade destaca-se os elementos da versificação: estrofe, verso, rima, sílaba métrica e os recursos expressivos.

A cadeira de **Técnicas Análise Textual**¹². Evidenciamos em primeiro lugar dois grandes objectivos das TAT: I - suporta o mesmo conteúdo. O estudante estuda

¹² Esta cadeira estudamo-la no II Ano, em 2011.

nesta cadeira ao mais alto nível as matérias a dar nos níveis inferiores, como é na 8ª Classe.

O que o professor ou futuro professor aprende? Aperfeiçoa conteúdos sobre a medida do verso, ou seja as sílabas métricas. Aprende a diferenciar e a dividir sílaba métrica da sílaba gramatical. O professor ou futuro professor aprende a identificar a correspondência de sons entre os versos (rimas); e daí conseguirá identificar os tipos de rimas. Aprende a contar as estrofes e nomeá-las segundo o número de versos. O professor ou futuro professor aprende a identificar as várias figuras de estilo nos textos, com realce nos textos poéticos.

O conteúdo da versificação estudado na cadeira que acabamos de descrever habilitará o professor a leccionar muito bem as aulas sobre versificação na 8ª Classe.

Outro exemplo que entendemos ser pertinente é o da 1ª unidade- texto narrativo da 8ª Classe. Dos conteúdos que constam desta temática, destacamos os seguintes: elementos do texto narrativo, modos de representação do discurso.

A cadeira de **Introdução aos Estudos Literários**¹³ que tem como um dos objectivos ajudar a *diferenciar os vários tipos de textos*, também preenche estes conteúdos, mas estudados com mais profundidade, atendendo o nível. Nesta cadeira o professor ou futuro professor estuda com mais pormenores o narrador, a personagem, a acção, o tempo, o espaço. Estuda também a forma como está organizado o discurso numa narrativa com realce para a narração, a descrição, o monólogo e o diálogo.

Quando o professor que lecciona a 8ª Classe estiver a ensinar estes conteúdos, é claro que fá-lo-á com mais à-vontade.

Não queremos ser exaustivos na abordagem dos conteúdos programados para a 8ª Classe e relacioná-los com os que o currículo do curso de Ensino da Língua Portuguesa do ISCED-Huíla oferece. Contudo, a exposição de alguns conteúdos visa exactamente expor de forma clara a importância da formação especializada para o professor de Língua Portuguesa,

¹³ Cadeira estudada no I Ano, em 2010.

Um professor que ensina Língua Portuguesa e que tenha formação em Pedagogia, obviamente não terá a mesma proficiência em transmitir materiais de Língua Portuguesa relativamente aquele que tem formação especializada.

O curso de pedagogia não comporta no seu currículo cadeiras nucleares do curso de Ensino da Língua Portuguesa.

III. CAPÍTULO. LEITURA E TRATAMENTO DOS DADOS

III. CAPÍTULO. LEITURA E TRATAMENTO DOS DADOS

Neste capítulo lemos, expusemos e explicámos o Inquérito que teve como destinatários os professores de duas de escolas Secundárias do Lubango.

3.1. Metodologia

Quando escolhemos abordar a temática, à partida, já era do nosso conhecimento que não é bom que a Língua Portuguesa fosse ensinada por professores sem formação especializada.

No presente trabalho podia-se pensar simplesmente num trabalho virado só para a descrição dos factos. No entanto, não queríamos ser presunçosos. Assim, para o presente trabalho além da pesquisa bibliográfica (levantamento das obras sobre o tema) também abordamos os professores. A nossa escolha recaiu para professores que não têm formação especializada em ensino da Língua Portuguesa.

Dirigimos aos professores um inquérito por questionário escrito. A nossa escolha tinha recaído no colégio nº 963, situado no município da Cacula, província da Huíla. Encontramos constrangimentos relativos ao encontro com os professores e houve pouco interesse em colaborar. As fichas que já tinham sido entregues aos professores não nos devolveram. Assim, tivemos a necessidade de mudarmos o campo de pesquisa. Contactámos o complexo Escolar nº12 e o Colégio nº90 - Missão Católica do Lubango, ambas escolas estão situadas na cidade do Lubango. Houve aceitação por parte dos professores.

No complexo Escolar nº 12 distribuámos o inquérito a quatro (4) professores. No Colégio nº 90 – Missão Católica do Lubango também foram quatro (4) professores.

Dividimos o inquérito em três (3) pontos: I. Dados sobre o professor, II. Motivos de leccionação da disciplina e III. Importância da formação especializada em Língua Portuguesa para o professor.

A fim de mantermos o anonimato de que fizemos referência nos inquéritos, codificamos os professores por E1, E2, E3 até E8. A letra (E) convenciamos-la

por entrevistado. Os números de um (1) a oito (8) correspondem a número de fichas que distribuimos. Nomeamo-las de forma aleatória.

3.2. ANÁLISE DO INQUÉRITO FEITO AOS PROFESSORES

Quanto ao nível académico os professores estão assim distribuídos: dois (2) são técnicos médios; Dois (2) são bacharéis e quatro (4) são licenciados. Conforme mostra o Gráfico nº 1

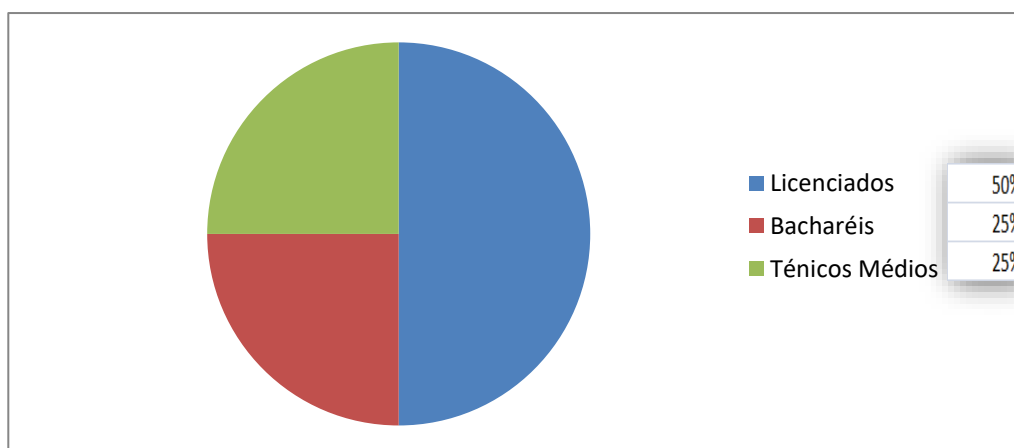


Gráfico 1: Nível académico dos professores

Área de formação: Três (3) professores têm formação em Pedagogia. Um (1) Professor tem formação em Relações Internacionais, um (1) tem formação em Psicologia, um (1) em Biologia e Química, um (1) em Direito e um (1) em Filosofia.

Quanto aos motivos de leccionação da disciplina verificámos o seguinte: Cinco (5) professores aferiram-nos que leccionam a disciplina por ser a disciplina disponível. Dois (2) por ser a disciplina preferida e um (1) por vocação.

Tabela 2: MOTIVOS DE LECCIONAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

2.1. Porque lecciona a disciplina de Língua Portuguesa?		
Opções	Número de professores	Percentagem
Disciplina disponível	05	62,5%
Disciplina preferida	02	25%
Completamento da Carga horária		00%

Vocação	01	12,5%
Formação		00%

É notável a facilidade com que se dá a disciplina de Língua Portuguesa a outros professores que não tenham formação especializada. É verdade que dos oito (8) professores, cinco (5) leccionam-na por ser a disciplina disponível. Mas há toda uma necessidade de repensar a colocação de professores que leccionam a Língua Portuguesa. Torna-se até impossível um professor com formação em Ensino da Língua Portuguesa ensinar Biologia, Química, Psicologia, Pedagogia, Filosofia. O inverso acontece sempre.

Há uma aceitação inconsciente de que a Língua Portuguesa é uma das disciplinas mais fáceis de se ensinar dado que surge da ideia de que por ser a nossa Língua de comunicação todos a entendemos plenamente. Com as constatações feitas e a experiência que temos enquanto professores de Língua Portuguesa, facilmente se percebe que aqueles que tomam decisões (MED¹⁴, DPE¹⁵ RME¹⁶) não têm a noção da dimensão que representa a disciplina de Língua Portuguesa.

Tabela 3: IMPORTÂNCIA PARA O PROFESSOR DA FORMAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

3.1. Como acha a formação em ensino de Língua Portuguesa?		
Opções	Número de professores	Percentagem
Nada importante	00	00%
Importante	00	00%
Muito importante	08	100%

¹⁴ Ministério da Educação.

¹⁵ Direcção Provincial da Educação.

¹⁶ Repartição Municipal da Educação

Em nossa opinião é importante o reconhecimento que os professores dão a importância da Formação Especializada para o Ensino da Língua Portuguesa, embora não tenham formação especializada.

Pese embora algumas justificações terem fugido da questão do ponto **3.1.1**, foi perceptível os professores aferirem que a Língua Portuguesa deve ser bem dominada pelos utentes por ser o veículo de comunicação. Assim passamos a transcrever as justificações dos nossos entrevistados quanto às justificações:

E1. *Sic*: É muito importante na medida em que leva ao conhecimento sólido da mesma por ser o nosso veículo de comunicação.

E2. *Sic*: sendo a nossa língua do país é bom perceber os fenómenos da língua. Ensinar uma área de conhecimento é ter formação de especialidade.

E3. *Sic*: quando o indivíduo é especialista numa área é mais competente.

E4. *Sic*: o homem que tem uma formação específica vale muito mais. A Língua Portuguesa é o nosso pão de cada dia. Devemos dominar.

E5. *Sic*: porque é apartir da Língua Portuguesa que o aluno tem acesso a outras áreas de formação.

E6. *Sic*: é a língua oficial do país e é aquela pelo qual nos ententemos.

E7. *Sic*: com a formação o professor se torna mais bom em dar as aulas em Língua Portuguesa.

E8. *Sic*: é fundamental porque é o nosso código linguístico, permite-nos apreender outros conceitos.

Verificámos que os E2, E3, E4 e o E7 tiveram mais coerência nas respostas, aferindo *grosso modo* a importância da formação especializada para o ensino Língua Portuguesa.

Os E1, E5, E6 e E8 mostraram-nos mais a importância que a Língua Portuguesa carrega enquanto língua de comunicação do país. Não se debruçaram no âmbito da disciplina curricular.

Na verdade entendemos ser de capital importância a formação especializada para o professor de Língua Portuguesa. De acordo com Leal, “a aprendizagem da Português reveste-se de um valor individual e social fundamental e a sua promoção cumpre essencialmente à escola, nos seus diversos lugares de ensino-aprendizagem (Leal, 2009:2). A autora incumbe a escola a responsabilidade de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa. Em nosso entender, só será possível a escola munir individual e socialmente os alunos de ferramentas comunicativas, se o professor estiver formação especializada em Linguística/Português.

A especialização é fulcral em toda a área do saber. Não basta ter o grau de licenciado, bacharel, técnico médio ou outro para ensinar todas as áreas de conhecimento.

Tabela 4: IMPORTÂNCIA PARA O PROFESSOR DA FORMAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

3.2. Tem tido dificuldades em leccionar conteúdos programáticos por falta de formação especializada?		
Opções	Número de professores	Percentagem
Sim	06	75%
Não	02	25%

É um ponto aceite. É pertinente termos percebido que embora aceitaram ensinar a Língua Portuguesa, os professores estão cientes das suas debilidades na leccionação dos conteúdos. As dificuldades que os professores apresentam são de vários conteúdos.

Aos professores que responderam que tinham dificuldades em ensinar conteúdos de Língua Portuguesa, marcaram os conteúdos os quais têm mais problemas. O quadro ficou assim:

Tabela 5: IMPORTÂNCIA PARA O PROFESSOR DA FORMAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Se tem tido dificuldades em ensinar conteúdos de Língua Portuguesa, marque aquelas a que tem tido mais obstáculos?		
Dificuldades	Número de professores	Percentagem
exploração vocabular	00	00%
compreensão do texto	04	50%
exploração estilística	03	37%
Ensino de conteúdos gramaticais	05	62,5%
Seleção e uso dos meios de ensino	00	00%

O ensino da Língua Portuguesa tem sido ensinada de forma compartimentada. Há sempre a tendência de ler o texto, fazer algumas perguntas a partir do texto em estudo e esclarecer algumas palavras tidas como difíceis.

Depois o texto é posto de parte e dá-se conteúdos gramaticais isolados do texto. Esta é uma realidade existente nas aulas de Língua Portuguesa.

Esta forma de transmissão dos conteúdos pode dificultar a apreensão dos conteúdos

O que se requerer, e, é mais consensual é que se deve fazer um estudo completo ou seja, a compreensão do texto deve ser feita em simultâneo com conteúdos gramaticais.

Mas para um professor que ensina a Língua Portuguesa sem ter formação especializada, estudar o texto apartado de outros conteúdos pode ser o mais viável e mais fácil.

Quando questionámos os professores as estratégias que têm tomado para superar as dificuldades ensinar os conteúdos, 100% dos inqueridos deram as suas opiniões, como ilustra o gráfico nº 2:

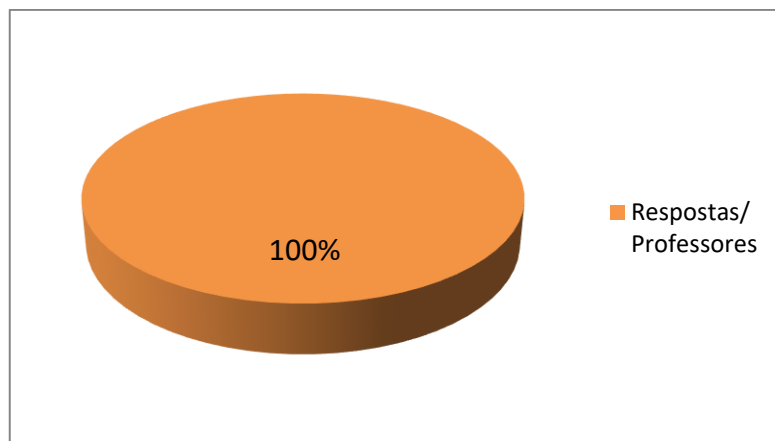


Gráfico 2:Argumentos dos professores

Trazemos os argumentos dos professores a seguir:

E1. *Sic*: nas situações que encontrar dificuldades temos procurado superar com investigações e ajuda de esperientes já que é a dialética da vida.

E2. *Sic*: ler muitos livros relactivos a língua portuguesa. Participar nas reuniões pedagógicas com colegas peritos em Língua Portuguesa. Ter gramáticas e dicionários...

E3. *Sic*: temos colega muito bons em português. Nos ajudam em conteúdos que não dominamos muito bem. Mas também compro gramáticas para ler e procurar entender...

E4. *Sic*: temos colegas formados e em formação na ária de português. Tenhem nos ajudado a compreensão dos conteúdos. O segredo é a união.

E5. *Sic*: procurando pessoas especializadas para me esclarecerem sobre o assunto que eu tenha dificuldades.

E6. *Sic*: consultar os outros professores que têm formação em língua portuguesa. Também leio muitas gramáticas.

E7. *Sic*: nas planificações conversamos com os colegas que entendem mais a língua portuguesa e com o cordenador.

E8. *Sic*: auto didatismo, pesquisa constante dos conteúdos que não domino.

De forma muito acentuada os professores asseguram que as dificuldades que têm tido são satisfeitas com recurso aos professores especialistas. Pelo menos um (1)

professor diz-se ser auto-didacta (E8), e que pesquisa de forma constante os conteúdos que menos domina.

Descordamos com a resposta do (E8). O auto-didactismo não torna um professor não especialista em especialista. Há conteúdos com características muito particulares. Já evidenciamos no segundo capítulo. Só uma leitura não basta para compreender plenamente um determinado conteúdo.

As reuniões pedagógicas ou simplesmente as planificações são valiosas no processo de ensino e aprendizagem. Mas é apenas uma (1) ou duas (2) horas de encontro entre professores da coordenação. Ora, as dúvidas que os professores sem formação carregam não se gostam em poucos minutos.

O professor pode ter manuais, gramáticas e outros livros condizentes com a Língua Portuguesa. Se não tiver o domínio dos conteúdos pouco ou nada fará para a aprendizagem eficaz dos alunos.

A temática em estudo é abrangente. É óbvio que o nosso foco é aferir a importância que carrega a formação especializada para o professor de Língua Portuguesa.

Da leitura feita as fichas, também nos preocupa o cometimento de erros ortográficos por parte de professores de Língua Portuguesa. O professor é um dos elementos se não o elemento mais indicado para potenciar a escrita adequada dos alunos. Se ele comete erros ortográficos, de certeza que não poderá levar os seus alunos a uma escrita mais consentânea. Entendemos que a falta de formação especializada também está na base dos erros ortográficos por parte dos professores. Estamos plenamente de acordo com Leal (2009:13) quando assegura que “não pode ensinar a Língua Portuguesa quem desconhece os conhecimentos e competências que se pretende promover”.

**IV. FACTORES A TER EM CONTA PARA O
MELHORAMENTO DO ENSINO DA LÍNGUA PORTGUESA**

IV. FACTORES A TER EM CONTA PARA O MELHORAMENTO DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Trazemos no presente capítulo algumas propostas e reflexões para um ensino que pensamos seja adequado da Língua Portuguesa.

Quando professores sem formação em Ensino da Língua Portuguesa leccionam a Língua Portuguesa poder-se ter alunos com conhecimentos muito diminutos em matérias de Língua Portuguesa. Torna-se difícil ensinar aquilo que não aprendemos.

Estamos assim alinhados ao pensamento de Leal (2009:13) ao referir que “não pode ensinar a Língua Portuguesa quem não conheça ou não seja capaz de desenvolver os processos e metodologias de ensino-aprendizagem adequados.

O estudo levado a cabo por Cortesão (2017:78) sublinha que “professores especialistas detêm um grau mais elevado de conhecimentos científicos e metodológicos, em Língua Portuguesa”.

É conveniente que a Língua Portuguesa seja ensinada por especialistas.

Cortesão (2017:77) adverte que “ser-se especializado não é sinónimo de sucesso para o professor. Há que ter em conta a entrega do professor”. Concordamos com a autora em parte. Contudo, a nossa opinião quanto a esta questão é: se um professor especializado em Linguística/Português ensina conteúdos de forma descabida pode ser por negligência. O facto de ter passado pelo bacharelato e depois a licenciatura em Linguística/Português, é mais do que evidente que o professor terá adquirido conhecimento profundo acerca do ensino da Língua Portuguesa. Estamos de acordo com Cortesão ao referir que “a grelha curricular do curso de Linguística/Português é rica para conferir aos professores capacidades, competências e habilidades no exercício das suas funções” (2017:77).

A formação em Ensino de Língua Portuguesa é um factor importante para se ensinar adequadamente a Língua Portuguesa. Por um lado, o professor abordará os conteúdos com mais propriedade, por outro lado, os alunos estarão mais

motivados a aprender os conteúdos da Língua Portuguesa e pôr em prática o que aprendem. Concordamos assim com a afirmação segundo a qual:

Não será possível motivar o aluno a explorar o domínio da Língua em que estuda, se o professor não conhecer a matéria a fundo, se não souber criar as condições que irão estimular o aluno a pensar e a querer falar e escrever, que irão colocar o aluno em face de um problema que deve querer resolver. Por isso, a fim de melhorar a qualidade do ensino de Língua Portuguesa, é indispensável melhorar a qualidade daquele que facilita este processo: o professor. Há, portanto, que pensar na sua formação prévia e na sua superação constante (Carrasco:1988:115).

Os nossos inquiridos, seis (6) o que corresponde a 75%, aferiram-nos que têm dificuldades em leccionar certos conteúdos como são os casos da compreensão do texto, a exploração estilística e o ensino de conteúdos gramaticais.

Os aspectos sublinhados pelos professores fazem parte de um conjunto vasto de matérias que são estudadas em todo o I Ciclo, e em particular na 8ª Classe.

Assim, elencamos algumas propostas que pensamos serem adequadas para o melhoramento do ensino dos conteúdos que os professores marcaram como tendo mais dificuldades.

4.1. ESTUDO DOS TEXTOS

A compreensão do texto é um conteúdo extremamente importante em Língua Portuguesa. Os outros conteúdos tal como já aferimos no II Capítulo, são estudados em conexão com os textos.

O estudo do texto não implica só a leitura do mesmo. Ler não é interpretar palavras. “É cada vez mais frequente entre os estudantes ler e não entender, ter dificuldades de comentar o que leu, não conseguir passar sua opinião sobre filmes, músicas e textos” (cf. Pacheco e Ataíde, 2013: 5).

Eunice, citada por Pacheco e Ataíde advertem que “o texto não se limita à palavra escrita, mas engloba discursos que fazem parte do cotidiano, como música, cinema, televisão, jornal, literatura e legislação.” (2013:5).

O ensino da compreensão do texto tem tido as mesmas rotinas. O professor lê o texto seleccionado no manual, depois manda a alguns alunos lerem. O passo seguinte é fazer algumas perguntas já existentes no texto. Ensinar a compreensão do texto é uma tarefa que deve ser bem elaborada. Não se deve limitar numa leitura feita pelo e depois perguntar aos alunos para deles se esperar uma resposta imediata. Assim juntamo-nos as palavras segundo as quais

Deve-se valorizar o saber que o aluno traz como resultado de suas vivências, de suas visões de mundo e instrumentalizá-lo a partir de várias leituras que vão transpor seu saber comum numa linguagem bem mais elaborada e convencionada nas diferentes esferas sociais para poderem interagir com esses discursos. Um texto pode ter várias interpretações. É cheio de pistas e estruturas de apelo, as quais levam o leitor a uma leitura coerente. (Pacheco e Ataíde, 2013:7).

Delloso, citando Soares (2013:44) diz que "a Língua Portuguesa será encarada como o instrumento por excelência de comunicação, no duplo sentido de transmissão e compreensão de ideias, fatos e sentimentos e sob a dupla forma oral e gráfica, o que vale dizer: leitura, escrita e comunicação oral".

Os postulados dos autores até agora referenciados são claros. Para se ensinar adequadamente a compreensão do texto é necessário que o professor esteja a altura das exigências formativas.

Pacheco e Ataíde (2013:4) responsabilizam o "trabalho do professor que deve estar direccionado para a valorização da função da leitura, da apreciação do texto como manifestação social e cultural, trabalhando com vários géneros textuais para estimular o aluno a ler e também integrar-se ao meio social em que vive.

É assim que os mesmos autores asseveram que ao professor

Faz-se necessário buscar novas formas de ensinar, com metodologias diferenciadas, no sentido de promover o envolvimento e o interesse do

aluno pelo texto. Acredita-se que tal envolvimento poderá contribuir para a promoção de uma leitura crítica do aluno, fazendo-o interpretar textos, formar sua própria opinião e despertar o seu interesse pelos estudos de Língua Portuguesa, tornando mais efetivas as suas produções escritas e promovendo um discurso mais coerente e significativo.

Fica claro o papel do professor. A ele cabe gizar metodologias e estratégias que visam a um melhor ensino dos textos.

4.2. CONTEÚDOS GRAMATICAIS E RECURSOS ESTILÍSTICOS

O ensino da Língua Portuguesa no Primeiro Ciclo é geralmente assente no estudo de textos, ensino da gramática e recursos estilísticos.

A parte gramatical e os recursos estilísticos devem ser estudados dentro do texto.

O que tem acontecido é o inverso. Os professores planificam aulas só de leitura do texto, onde também fazem a exploração vocabular. E as palavras são definidas fora do contexto textual.

O que se quer é a exploração do texto e os conteúdos gramaticais estudados simultaneamente para que os alunos tenham uma compreensão plena.

Muitas vezes, acontece que o professor ensina conteúdos gramaticais relacionados com “Substantivos”, mas não recorre ao texto em estudo para explorar este conteúdo. Quando o professor elabora uma prova acompanhada de um texto, pede aos alunos que retirem do texto “Substantivos”. Esta situação pode constrangir os alunos uma vez que o professor não fez este exercício ao longo das aulas.

As figuras de estilo podem ser exploradas muito mais num texto poético. O ensino deste conteúdo tem também unidireccional. O professor leva uma lista nominal de figuras de estilo e as suas respectivas definições, dando exemplo

que nem se quer fazem parte do texto. Os exemplos são sempre isolados dos textos.

Esta forma fraturante de ensinar a língua Portuguesa torna a aprendizagem do aluno muito debilitado.

4.3. EXPLORAÇÃO VOCABULAR

Os professores entrevistados, dizem não terem dificuldades na exploração vocabular e na selecção e uso adequado dos meios de ensino. Entendemos que é uma opinião que a nós também pouco convence.

Quando se fala da exploração vocabular do texto referimo-nos as definições de palavras ou expressões tidas como difíceis, utilizando-se o dicionário para ajudar o professor e o aluno. Um dos objectivos da inserção do vocabulário nas aulas de Língua Portuguesa é para situar adequadamente a significado das palavras. (Ilari, 1992) diz-nos que “elementos de vocabulário são incluídos na lição para assegurar uma compreensão pelo menos literal do texto”.

Pensamos que para se ter uma compreensão literal do texto, a parte vocabular tem que ser estudado como parte integrante do texto em análise e não de forma isolada. É assim que refere Ilari (1992: 45) “umas tantas palavras, supostamente aquelas que o aluno desconhece, são reunidas num glossário que associa a cada uma outras palavras, sinónimas naquele texto”. O que tem acontecido é que pega-se em uma determinada palavra e é definida sem se levar em conta o contexto que a palavra representa dentro do texto. Como nos afere Ilari “explicar uma palavra, então, é sempre explicá-la como parte de uma frase, que por sua vez é somente um dos ingredientes do processo efectivo de intercâmbio linguístico (Ilari, 1992:47).”

Ilari faz a seguinte observação: “o falante que sabe usar correctamente uma palavra é capaz de esclarecer seu sentido, e em situações concretas, de precisar o seu significado. (Ilari, 1992: 48)”. Perante a afirmação do autor (Rodolfo Ilari) podemos colocar a seguinte questão: *como poderá o professor de Língua Portuguesa esclarecer o sentido das palavras do texto, se ele não conhece a grafia correcta das palavras?*

Expomos esta questão porque do inquérito feito aos professores constatamos que cometem erros ortográficos. Ou seja, escrevem erradamente as palavras. Veja-se as respostas dadas pelos professores no ponto 3.1.1, página 24, relacionadas com a importância para o professor da formação em Ensino da Língua Portuguesa:

E3: *Conpetente*= Competente

E5: Apartir= A partir

E6: *Ententemos*= Entendemos

No ponto 3.3, os argumentos dos professores quanto as estratégias que têm tomado para superar as dificuldades:

E1: *Esperientes* = *Experientes*

E2: *Relactivos* = Relativos

E4: *Ária* = área *Tenhem*= Têm *Compreenção*= Compreensão

E7: *Cordenador* = Coordenador

E8: *Didatismo* = Didactismo.

Quando o aluno comete erros, principalmente ortográficos, é sempre uma grande oportunidade para que o professor ajude seus alunos. Moreira, citando Zorzi e Ciasca, “refere que os erros fazem parte da aprendizagem, podendo revelar hipóteses que as crianças vão, gradativamente, construindo para chegar a conhecimentos mais aprofundados sobre a escrita”. (Moreira L. L., 2015).

A escola é o lugar por excelência onde os alunos aperfeiçoam a escrita. O elo mais indicado para aperfeiçoar a escrita na escola é o professor. Se ele é o primeiro a cometer erros, como será possível potenciar o aluno de uma escrita adequada? Quanto a este ponto, entendemos que a formação em Linguística/Português é sem dúvidas catalisadora para uma proficiência na escrita.

Os professores não preencheram os inquéritos no momento em que lhe foi distribuído. Levaram-no em casa. Convenhamos que tiveram mais tempo para analisá-lo. Poderiam até consultar o dicionário em questões de dúvidas. Mas não o fizeram. Perante esta situação só nos resta dizer que o professor que comete erros ortográficos também ensina os seus alunos a cometê-los.

4.4. SELECÇÃO E USO DOS MEIOS DE ENSINO

Os meios de ensino, recursos didácticos ou meios auxiliares, na acepção de (Ferreira, 2007) são recursos que o professor utiliza para auxiliar e facilitar a aprendizagem.

A mesma autora afere que os meios de ensino fazem o aluno gostar de estudar uma disciplina ou um assunto. Despertar o interesse por parte do aluno. Com o material didáctico adequado fica mais fácil compreender determinado assunto em estudo (Ferreira, 2007: 25).

É verdade que os professores disseram-nos que não têm dificuldades na selecção e uso dos meios de ensino. Mas conhecemos os meios didácticos mais utilizados como pelos professores e alunos. Destacamos os seguintes: cadernos, giz, esferográficas, o quadro (preto ou verde) e o manual de Língua portuguesa e, raras vezes o dicionário. Estes meios de ensino são importantes para o aluno e o professor. Mas o professor precisa de diversificar os meios de ensino para estimular o gosto pela aprendizagem dos alunos. Utilizar, cartazes, utilizar imagens, telemóveis, ajuda a que o aluno tenha mais vontade em estar nas aulas e assim gostar mais a disciplina (Língua Portuguesa) e também poderá aprender muito mais. Achamos que um professor que tem formação especializada em Linguística/Português poderá adequar cada meio de ensino a um determinado conteúdo.

4.5- CONCLUSÃO

A inserção de Professores sem formação especializada em Linguística/Português é um facto. O ideal e o mais consensual, é que a Língua Portuguesa seja ensinada por Professores que têm formação especializada.

Com base na bibliografia consultada, os autores defendem Professores com formação específica para leccionarem a Língua Portuguesa.

Vários são os motivos que estão na base da leccionação da Língua Portuguesa sem formação em Linguística/Português. Uma das causas é por ser a disciplina disponível. Mesmo ensinando sem formação especializada, os Professores defendem e reconhecem a importância que carrega a formação específica em Linguística/Português para o professor de Língua Portuguesa.

As dificuldades que os professores sem formação têm, poderiam ser inexistentes se a disciplina de Língua Portuguesa na 8ª Classe fosse ensinada por professores formados em Linguística/Português.

A compreensão dos textos, os conteúdos gramaticais e estilísticos, a selecção e uso dos meios auxiliares bem como a exploração vocabular são matérias indispensáveis em Língua Portuguesa. Se o professor não tiver capacidade para transmitir os conteúdos obviamente o aluno não terá uma aprendizagem completa.

Reconhecemos que os professores fazem esforços para superarem as dificuldades que têm em leccionar a disciplina de Língua Portuguesa, mas não é bastante para ter a proficiência requerida. O auto-didactismo, a partilha com colegas especializados e a leitura de gramáticas não é bastante para que haja qualidade no ensino da Língua Portuguesa. É preciso que o Professor tenha formação específica para ensinar com propriedade reconhecida.

4.6- RECOMENDAÇÕES

Das conclusões a que chegamos, recomendámos o seguinte:

Que as aulas de Língua Portuguesa sejam leccionadas em todos os níveis de ensino por professores especializados em Linguística/Português para se aferir melhor o grau de aprendizagem dos alunos

O Ministério da Educação por via dos Gabinetes Provinciais da Educação e Direcções Municipais levem em consideração a situação real de necessidades de professores formados em Linguística/Português no momento da contratação e/ou aquando do processo de admissão dos mesmos aos Concursos Públicos para que não haja desvios.

Que haja realizações de Seminários e Encontros Metodológicos para os professores de Língua Portuguesa com o intuito de os munir de ferramentas capazes de fazer face aos desafios do Ensino da Língua Portuguesa.

Cientes da insuficiência, mas também da importância que carrega o presente Trabalho no ensino da Língua Portuguesa, recomendámos que estudos correlatos ao tema venham a ser mais apresentados.

BIBLIOGRAFIA

- Adriano, P. S. (2015). *A Crise Normativa Do Português Em Angola*. Luanda: Mayamba.
- Alteman, C. A. (1998). *A Pesquisa Linguística no Brasil (1968 - 1988)*. São Paulo.
- Carrasco, A. (1988). *Subsídios para o estabelecimento da norma do português em Angola*. Lubango: ISCED.
- Ferreira, S. M. (2007). *Os Recursos Didáticos no Processo de Ensino-Aprendizagem*. . Cabo Verde.
- Gaspar, S. I. (2015). *A Língua Portuguesa em Angola: Contributos para um Metodologia de Língua Segunda*. Lisboa.
- Ilari, R. (1992). *A Linguística e o ensino da Língua Portuguesa. Coleção texto e Linguagem*. São Paulo.
- Ilari, R. (1992). *A Linguística e o ensino da Língua Portuguesa. Coleção texto e Linguagem*. . São Paulo.
- Jacinto, L. L. (2003). *Estudo sobre a situação do ensino do Português no III Nível*. Lubango: ISCED.
- Jacinto, L. L. (2003). *Estudo sobre a situação do ensino do Português no III Nível*. Lubango: ISCED.
- Klein, L. R. (2009). *Fundamentos Teóricos da Língua Portuguesa*. Curitiba: IESDE.
- Leal, S. M. (2009). *Ser professor de Português: Especificidades da Formação dos Professores de Língua Materna. Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho.
- Machado, M. V. (05 de Junho de 2012). *A importância da Linguística na formação do professor alfabetizador*. Obtido de <http://clinguisticos.blogspot.com/2012/06/importancia-da-linguistica-na-formacao.html>
- Marcuschi, L. A. (2003). *O Papel da Linguística no Ensino de Línguas*. Recife.

- Moreira, D. F. (2009). *InfoEscola*. Obtido de Linguística:
<https://www.infoescola.com/portugues/linguistica/>
- Moreira, L. L. (2015). *Análise dos textos escritos por alunos da 7ª classe em Angola e propostas de remediação de erros*.
- Neves, A. C. (2015). *A Formação de Professores de Português do I Ciclo do Ensino Secundário em Angola: o caso de Cabinda. Dissertação de mestrado*. .
Porto: Universidade do Porto.
- Nzau, D. G. (2011). *Língua Portuguesa em Angola. Um Contributo para o Estudo da Sua Nacionalização*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Quinta, J. (2016). *História da Formação de Professores de Língua Portuguesa em Benguela – Angola. Tese de doutoramento*. Lisboa: Lusófonas de Humanidades e Tecnologias.
- Valtemir, & André. (02 de Novembro de 2012). Obtido de Linguística:
<http://linguisticaufpi.blogspot.com/2012/11/a-fundamental-importancia-da.html>

ANEXO

